

ACONTECIMENTOS CONTRAOFENSIVOS: DESLIZAMENTOS DE SENTIDOS NA PÁGINA #MARCHADASVADIAS

Counter-offensive events: meaning creation on #marchadasvadias

Sucesos contraofensivos: deslizamientos de sentidos en la red social
instagram #marchadasvadias

Sidnay Fernandes dos Santos Silva¹
Lúzira da Silva Ferreira²

Resumo

Historicamente, as mulheres são vítimas de uma conjuntura patriarcal na qual são concebidas como submissas e inferiores. Estudos sobre as lutas das mulheres na sociedade e os modos como seus corpos físicos são significados são urgentes e relevantes para a construção de uma era contemporânea (e futura) pautada nos direitos humanos e na equidade de gênero. Nessa perspectiva, nosso propósito nesta pesquisa é analisar textos dados a circular em manifestações denominadas “Marcha das Vadias” e publicados na página do *Instagram* #marchadasvadias, com foco nas imagens de *corpos seminus das mulheres*. Esse movimento feminista surge em 2011 no Canadá, após um policial declarar que, para evitar estupros, as mulheres deveriam deixar de se vestir como vadias. O dizer desse sujeito filia-se a um posicionamento discursivo machista e a “Marcha das Vadias” emerge como resposta. Práticas contraofensivas e de resistências pelo direito não só de as mulheres se vestirem como quiserem, mas também pelo fim da “cultura do estupro” são materializadas nas ruas de Toronto e discursivizadas em âmbito internacional. Acionamos procedimentos analíticos da Análise de Discurso e recorreremos teoricamente a Orlandi (2005), Fernandes (2007), Courtine (2009), Milanez e Gonçalves (2018), Belting (2006), Stearns (2007) e Pinto (2010), dentre outros. Observamos como, em tais protestos, os corpos femininos são suportes materiais e, ao mesmo tempo, discursos centrais de práticas libertárias.

Palavras - chave: Análise de Discurso. Produção de Sentidos. Corpo. Marcha das Vadias.

Abstract

Historically, women are victim of a patriarchal conjecture and in that sense they are conceived as submissive and inferior. Research about the women fight in society and the way their bodies are conceived in terms of significance are imperative towards a construction of a contemporary and future era featured by human rights and gender equity. On this perspective, the present research has the purpose of analyzing texts originated from public manifestations entitled “Marcha das Vadias” (SlutWalk) publicized on the *instagram* as #marchadasvadias, which give emphasis on half naked women bodies. This feminist movement has its origin in 2011 in Canada, after a policeman declaration that in order to avoid rape, women must stop to dress like sluts. The policeman declaration is attached to a male chauvinist position discourse and the “Marcha das Vadias” emerges as a response to this kind of discourse. Counter-offensive practices and resistances

¹Doutora em Linguística. Professora no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) na Universidade do Estado da Bahia.

²Graduanda em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia.

towards the right of the women to wear as they like to and towards an end of the “rape culture” are materialized on the streets of Toronto and reflected on international level. We employ analytical procedures from the Speech Analysis and have recourse to Orlandi (2005), Fernandes (2007), Courtine (2009), Milanez e Gonçalves (2008), Belting (2006), Stearns (2007) e Pinto (2010) among other authors. We look at how the women bodies give material support as well as how they are used as the main discourse of libertarian practices.

Keywords: Discourse Analysis. Sense production. Body. SlutWalk.

Resumen

Históricamente, las mujeres son víctimas de una coyuntura patriarcal donde son concebidas como sumisas e inferiores. Estudios sobre las luchas de las mujeres en la sociedad y los modos como sus cuerpos físicos son significados son urgentes y relevantes para la construcción de un momento contemporáneo (y futuro) basada en los Derechos Humanos y en la equidad de género. En esa perspectiva, nuestro propósito en esta investigación es analizar textos que circulan en manifestaciones denominadas “Marcha das Vadias” (Marcha de las Putas) y publicados en la red social Instagram #marchadasvadias, con foco en imágenes de cuerpos casi desnudos de las mujeres. Esa protesta feminista surge en año 2011 en Canadá, tras un agente de policía declarar que, para evitar violaciones, las mujeres tendrían que no vestirse como putas. El comentario de ese sujeto adhiere a un posicionamiento discursivo machista, y la “Marcha das Vadias” (Marcha de las Putas) aparece como respuesta. Prácticas contraofensivas y de resistencias por el derecho no solamente de las mujeres se vestiren como desearan, también por el fin de la “cultura de la violación” son materializadas en las calles de Toronto y discursivizadas en ámbito internacional. Accionamos procedimientos analíticos de la Análisis del Discurso y buscamos las teorías de Orlandi (2005), Fernandes (2007), Courtine (2009), Milanez y Gonçalves (2018), Belting (2006), Stearns (2007) y Pinto (2010) etc. Observamos como en tales protestas, los cuerpos femeninos son soportes materiales y, al mismo tiempo, discursos centrales de prácticas libertarias.

Palabras clave: Análisis del Discurso. Producción de Sentidos. Cuerpo. Marcha de las Putas.

Introdução

Movimentos em prol das mulheres e de temáticas femininas fazem-se imprescindíveis ainda hoje, apesar dos avanços já concretizados nas últimas décadas na sociedade ocidental. Este artigo traz para discussão, à luz do quadro teórico dos estudos discursivos, um desses movimentos recentes “Marcha das Vadias” com o objetivo de investigar como os corpos físicos das mulheres são significados no interior de uma prática de resistência e de negação a um lugar subalterno imposto às mulheres.

Para serem citados neste texto, elegemos cinco posts publicados na página do Instagram #marchadasvadias, nos quais há fotografias de manifestações de rua “Marcha das Vadias” ocorridas no Brasil e enunciados verbais que tratam de violências e desigualdades de gênero, principalmente em relação ao corpo feminino.

Buscamos compreender os enunciados presentes nos corpos das mulheres, considerando que esses corpos são linguagens e, ao mesmo tempo, locais de materialização de discursos em favor da causa feminista e da impugnação às práticas machistas. À vista disso, questionamos: Como os corpos das mulheres na “Marcha das Vadias” são materializações discursivas contra o machismo e, simultaneamente, suportes de veiculação desses sentidos?

Para responder às problemáticas da pesquisa, buscamos embasamento em: Eni Orlandi (2011), Cleudemar Fernandes (2007), Silmara Dela-Silva (2008) e Foucault (2004) no que tange aos estudos do discurso; Courtine (2009), Milanez e Gonçalves (2018) e Belting (2006) acerca do corpo como objeto de estudo; e Peter Nathaniel Stearns (2007) e Céli Regina Pinto (2010) no que se refere às pesquisas sobre mulheres na sociedade.

Nosso estudo parte, metodologicamente, da seleção do acontecimento “Marcha das Vadias” e da leitura do arquivo da pesquisa; depois, delimitamos o *corpus* analítico no interior de uma página do *Instagram* que trata de manifestações que se realizaram em cidades brasileiras. Para fins de apresentação, estruturamos este texto em três momentos: i) discussão sobre as mulheres na sociedade e o movimento *Marcha das Vadias*; ii) articulação de conceitos teóricos da Análise do Discurso aos acontecimentos históricos em estudo; iii) análise discursiva dos *posts* publicados na página do *Instagram* #marchadasvadias.

Sobre mulheres e sociedade

As mulheres, desde muito tempo e por costumes passados de gerações para gerações, são consideradas inferiores ao homem. No patriarcalismo, há divisões de papéis para homens e mulheres, ficando sob responsabilidade das mulheres os serviços domésticos e aos homens cabia o exercício do papel de dominador, como se observa no contexto da China: “O homem na família era, em princípio, como o imperador na sociedade: ele governava. As mulheres eram instadas a ser subservientes e eficientes nas habilidades domésticas” (STEARNS, 2007, p. 37). No Mediterrâneo, com foco no ângulo intelectual, as mulheres também são inferiorizadas: “Uma forte ênfase no racionalismo na filosofia e na ciência forjou uma tradição de distinguir traços intelectuais,

considerados masculinos, e traços mais emocionais e menos mentais atribuídos às mulheres” (STEARNS, 2007, p.37).

Durante muitos anos, posturas fundamentadas nessa concepção de inferioridade feminina perduraram, mesmo com o surgimento de movimentos de luta das mulheres contra tal. Essas lutas das mulheres ganharam força após a Revolução Francesa no século XVIII; devido a mão de obra feminina ser mais barata, passaram a trabalhar fora de casa e a ter jornada dupla de trabalho: a elas cabiam as atividades domésticas e o trabalho remunerado. Em razão das más condições de trabalho e da diferença salarial das mulheres em relação aos homens, as mulheres passaram a lutar por igualdade de direitos na sociedade.

E, apesar das lutas e do tempo já transcorrido, práticas sociais e discursivas discriminatórias, na atualidade, associam determinados objetos e/ou ações às mulheres, como, por exemplo: o ato de cozinhar, a necessidade de se casar, a exigência da virgindade ou pureza, a responsabilidade em satisfazer os desejos sexuais do homem, o cuidado com o lar e com os filhos³.

Diante dessas práticas discursivas que estigmatizam socialmente as mulheres, surge o feminismo, mais precisamente nas últimas décadas no século XIX, quando as mulheres se reuniram, na Inglaterra, na reivindicação por direitos, neste momento específico pelo direito político de votar. Este movimento ficou conhecido como sufragetes:

As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (PINTO, 2010, p. 15).

O feminismo surge em meio às buscas por igualdade de direitos em diversos campos como o político, o econômico, o social, o familiar, o educacional, o jurídico, dentre outros. Após o movimento das sufragistas, as reivindicações feministas não pararam. Todavia, a produção de sentidos de inferioridade das mulheres em relação aos homens ainda circula

³ Como prova da atualidade deste discurso, citamos a matéria produzida pela Revista *Veja* em 18/04/2016 intitulada *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*.

na contemporaneidade e uma das formas de sua materialização está nos altos índices de violência contra as mulheres.

De acontecimentos históricos a acontecimentos discursivos

O movimento “Marchas das Vadias” surgiu no Canadá, na cidade de Toronto. As condições de produção deste protesto e, conseqüentemente, dos dizeres que emergem nesse contexto referem-se, primeiramente, a diversos casos de abuso sexual contra mulheres na Universidade de Toronto. Sobre esses casos de violência, o policial Michael Sanguinetti fez uma observação para que “as mulheres evitassem se vestir como vadias (*sluts*, no inglês original), para não serem vítimas”⁴. A declaração do policial teve grande repercussão nos espaços midiáticos e, por conta da indignação com esse dizer, um grupo de mulheres combinou pelas redes sociais uma manifestação denominada *Slutwalk* (no Brasil, *Marcha das Vadias*). Este primeiro protesto, ocorrido em 03 de abril de 2011, levou 3 mil pessoas às ruas de Toronto. Posteriormente a este acontecimento, que emerge da necessidade de uma contraofensiva, manifestações semelhantes e com a mesma denominação aconteceram em vários países do mundo, inclusive no Brasil.

Para a Análise de Discurso (AD), o acontecimento histórico é compreendido como um fato significativo que é lembrado pela sociedade e passa a fazer parte da expressão de grupos, conforme palavras de Dela-Silva: “O olhar discursivo compreende que o acontecimento histórico, enquanto acontecimento da ordem da realidade, das práticas humanas, pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (2008, p. 15). O acontecimento histórico é a ressignificação de um fato e, enquanto trabalho simbólico, não há fronteiras para a prática de narrativizar. Embora sempre esteja em questão o evento factual ou o “acontecimento primeiro”, os sentidos produzidos sempre são novos, sempre são outros.

Nessa perspectiva, um discurso está sempre se relacionando com outro, o “já dito”, que se refere à memória, pois um discurso depende da memória para sua formação, como

⁴ Informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias. Acesso: 25 out 2019.

Orlandi escreve: “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (2005. p.43).

Tomando a manifestação *Slutwalk* (2011) como acontecimento segundo ⁵, observamos os deslizamentos de sentidos do significante “vadia”, disforicamente “puta”, para uma significação outra, positivamente inserida em um contexto de liberdade. O movimento “Marcha das Vadias” dá um novo sentido à palavra e, para reforçar o sentido de liberdade, as mulheres saem às ruas sem blusas, vestidas com pouca roupa, com lingerie, com roupas transparentes e consideradas provocativas.

As mulheres da “Marcha das Vadias” sustentam seus dizeres em outros já ditos já cristalizados em nossa sociedade de que os homens se vestem como querem e não são estuprados, mas as mulheres pelo fato de estarem com pouca roupa representa um “pedido” para serem estupradas.

O protesto “Marcha das Vadias”, desde seu primeiro evento histórico em Toronto, é discursivizado como resistência e luta feminina em resposta não apenas ao dizer específico do policial mas de todos os sentidos já construídos sociohistoricamente, antes e em outros lugares, que se circunscrevem a um enquadramento machista e patriarcal. Conforme Dela-Silva: “O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra” (2008, p. 17).

O movimento em Toronto (2011) já emerge como ato de ruptura não a um enunciado isolado de um sujeito policial, mas a uma ideologia de muitos outros sujeitos. Para Fernandes:

o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. (2007, p. 24)

⁵ Assumimos, aqui, o acontecimento primeiro como o uso da palavra *Sluts* pelo policial canadense, ou seja, um dizer cujo sentido da palavra está inscrito numa formação discursiva machista e patriarcal.

Os sentidos produzidos pelos protestos “Marcha das Vadias” são de equidade de gênero e de luta contra os sentidos machistas presentes no “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI 2005, p. 31).

Consideramos, nesse sentido, a importância da historicidade e das condições de produção nas análises discursivas, pois os sentidos são constituídos e formulados pelos sujeitos afetados pela história e pela língua(gem) e a memória faz parte de um coletivo e não de uma memória individual.

Esses protestos feministas, além de atribuírem um sentido diferente à palavra “vadia”, atribuem também sentidos novos ao corpo feminino. Na página do *Instagram* #marchadasvadias, as fotografias selecionadas, em sua grande maioria, mostram mulheres com pouca roupa. Os corpos assim expostos, tanto nas manifestações de rua quanto nesta página da *Web*, são linguagens, são objetos discursivos. Nos protestos, o corpo, enquanto linguagem, ganha outra possibilidade de significação, são discursos de resistência postos a circular numa luta por estabilizar os sentidos de que as mulheres, assim como os homens, podem usar pouca roupa, podem ficar sem camisa quando estão com calor etc.

A linguagem é uma necessidade da interação social do indivíduo com o mundo. Nessa perspectiva, os discursos dados a circular na página em estudo aqui são marcados pela busca de liberdade das mulheres, pela luta contra a opressão e, mais diretamente, pela possibilidade de se vestirem como quiserem, potencializando a ocupação de diversos lugares de poder na sociedade.

Os textos publicados na página #marchadasvadias trazem elementos verbais materializados em cartazes e nos próprios corpos de mulheres (e também de homens). Os elementos imagéticos predominam, contudo. As fotografias mostram muitas pessoas, maioria mulheres, reunidas em caminhadas pelas ruas, portando dizeres verbais, dizeres “de ordem” em defesa de sentidos não sexistas, não machistas, não patriarcais. São materialidades verbais e não verbais que se complementam nas manifestações.

O corpo, nas “Marchas das Vadias”, é linguagem não verbal e, em algumas fotografias, nas quais os corpos são utilizados como suportes materiais de dizeres verbais, há a junção de modalidades para a produção de sentidos de complementação. O não verbal – corpo seminu – confirma os sentidos materializados verbalmente (ou vice-

versa). De qualquer modo, são sentidos de resistência materializados de duas formas distintas; dizer por meio de duas modalidades a mesma coisa (sentido) representa nessas materialidades a necessidade não de dizer apenas, mas de “gritar” por uma causa. Nas palavras de Orlandi:

Nos estudos discursivos não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história (2005, p.19).

É nessa perspectiva que abordamos as manifestações “Marcha das Vadias”. A articulação entre estrutura (verbal e não verbal) e acontecimento. Linguagem estrutura, mas também exterioridade do discurso. É o discurso acarretado ao exterior da língua e dependente da linguagem para ter existência: “[v]emos, portanto, que o discurso não é a língua (gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real” (FERNANDES, 2007, p.18).

Nas “Marchas das Vadias”, o corpo torna-se a marca e o símbolo do protesto como lugar de representatividade dos discursos e dos sentidos. Pensa-se nessa perspectiva o corpo como suporte textual-discursivo, com representação social, ideológica, política, histórica e cultural, exercendo um papel importante nas manifestações, pois “o movimento do corpo é um movimento que é feito para o olhar do outro” (MILANEZ; GONÇALVES, 2018, p. 150). O corpo, posto em movimento nas “Marchas das Vadias” para os olhares do maior número possível de outros, é o recurso na luta pela igualdade e na contraofensiva à misoginia.

A própria exposição do corpo seminu – com roupas transparentes e extravagantes - são dizeres contrários aos dizeres filiados a uma posição machista. Se for “politicamente correto” as mulheres não mostrarem seus seios, no interior deste movimento de protesto, o que vale é a transgressão. E o corpo em sua nudez (ou seminudez) não é tabu, é da natureza biológica. A exposição do corpo assim, sem ou com pouca roupa, funciona como posicionamentos discursivos em prol da emancipação das mulheres e da resistência à denominada “cultura do estupro”.

Em protestos dessa natureza, a rua é o palco. É na rua que os corpos encenam⁶ discursivamente contra imposições. Em sintonia com a singularidade das condições de enunciabilidade dessas manifestações feministas, a noção “palco-rua” - tal como apresentada por Castro Júnior; Santos Junior & Ferraz (2019) – enquanto lugar onde experiências inusitadas, fugais e imprevisíveis acontecem, importa também como espaço físico-cultural de construção de identidades e de lutas.

Corpos femininos nas ruas e nas redes sociais

Neste item, analisamos cinco *posts* publicados e marcados pela *hashtag* #marchadasvadias: quatro são fotografias capturadas em manifestações das “Marchas das Vadias” em ruas de cidades brasileiras; e o último traz um texto produzido e montado a partir de uma fotografia pousada de uma mulher.



Figura 01: Marcha das Vadias, Postagem em 2018. Foto: Luiza Florenzano⁷

Nesta fotografia, a mulher que está à frente veste apenas sutiã e, nas partes expostas do corpo sem roupa, há um enunciado verbal: “Isso não é um convite.” A mulher está com os braços levantados, possivelmente segurando um cartaz. Na estrutura da língua portuguesa, o pronome demonstrativo “isso” é usado para se referir a algo já mencionado

⁶ Termo utilizado no contexto do conceito “cenas da enunciação”, conforme teoria de Dominique Maingueneau.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BF-QlyBFsh1>. Acesso em: 08 de dezembro de 2018.

anteriormente. Nesse enunciado, tal pronome não tem como referência um elemento verbal, mas um elemento visual: o corpo feminino com pouca roupa. Na produção de sentidos, os elementos verbais e visuais se complementam, os sentidos não estão apenas nas palavras, conforme Côrrea (2002, p.20): “[estão] ao mesmo tempo, nas palavras, nas pessoas que as utilizam e nas circunstâncias em que são utilizadas. O ritual que produz o sentido já não é, portanto, apenas verbal”.

No plano segundo, há a imagem de uma mulher que, apesar de não usar o corpo como suporte material (mas sim o cartaz), coloca em circulação sentidos que são expressões fortes deste movimento feminista “Ensine o homem a não estuprar e não a mulher a se vestir”. Os sentidos produzidos por essa fotografia atualizam dizeres machistas e sexistas para serem refutados. Como são discursos machistas que já circulam na nossa sociedade desde um passado longínquo até o tempo presente – um exemplo foi a materialização por meio do dizer do policial canadense – atualmente há condições imprescindíveis para que discursos outros (de negação de práticas sexistas) surjam. Em meio a protestos de ruas, esses dizeres são orquestrados e mostram também a força coletiva das mulheres na contemporaneidade.



Figura 02: Marcha das Vadias, postagem em 10 de fevereiro de 2015⁸.

⁸ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/y53tKFFeKQ/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=r30ajpnisekr;
<https://www.instagram.com/p/y53tKFFeKQ>. Acesso em: 08 de dezembro de 2018.

Nessa fotografia (Figura 02), há a imagem de um corpo masculino sem camisa com inscrições verbais em favor da causa das mulheres: “Ela é minha companheira. Não minha propriedade”. Ao lado, de mãos dadas, está a companheira vestida uma camiseta branca com dizeres escritos na blusa, mas que não são totalmente fotografados. Considerando a fotografia em sua totalidade, percebemos que o enunciado verbal no corpo masculino inscreve-se numa formação discursiva antimachista/feminista, mas, visualmente, há imagens da mulher com blusa e do homem sem camisa. Embora haja um movimento progressista, por ser uma passeata e por haver um homem defendendo pautas femininas, percebemos atravessamentos de posicionamentos históricos que proíbem às mulheres a ausência de blusa em espaços públicos e não aos homens⁹.

Orlandi (2015, p.41), parafraseando Pêcheux, diz que “[a]s formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente”. No enunciado verbal, materializado no corpo do homem, circula um discurso feminista, mas, imagetivamente, percebe-se a força de tabus sociohistoricamente construídos. Neste texto verbo-visual, há um cruzamento de posicionamentos discursivos que marcam a heterogeneidade dos discursos e, nesse caso, há contrapontos entre os elementos verbais e não verbais. Cabe questionar, ainda, os sentidos produzidos por esta fotografia, pelo enquadramento que focaliza o homem e porque esta foi selecionada para ser colocada em circulação na página do *Instagram*. Nessa perspectiva, percebemos que a formação discursiva de libertação (e não opressão) das mulheres é dominante nessa materialidade.

⁹ Essa mulher presente na fotografia, a “companheira”, vai para a passeata de rua vestida com blusa e não apenas com sutiã.



Figura 03: Marcha das Vadias em Londrina/Paraná, 2015¹⁰.

O enunciado verbal “Eu não vim de sua costela, você que veio do meu útero” (Figura 03), materializado no cartaz da manifestante, retoma e nega outro enunciado, presente na Bíblia Cristã:

Mas para Adão não se achava uma ajudadora que fosse como sua outra metade. Então o SENHOR Deus fez com que o homem caísse em sono profundo. Enquanto ele dormia, Deus tirou uma das suas costelas e fechou a carne naquele lugar. Dessa costela o Senhor formou uma mulher e a levou ao homem. (2009, p.4)

Por meio do interdiscurso ou da atualização de um “já-dito” bíblico: Eva (mulher) ser criada da costela de Adão (homem), produz-se o sentido de negação do discurso outro retomado, como forma de protestar contra a ideologia da submissão da mulher em relação ao homem. Colocam-se em circulação os sentidos do campo biológico/científico de ser o corpo da mulher o responsável pela geração da vida (pela maternidade). Sobressai, nesse caso, uma característica do universo feminino como efeito de enfrentamento a dizeres outros.

A retomada do “já-dito” torna possível a transformação do discurso ou apenas que se fale sobre ele. Nesse texto, dado a circular na campanha, o “já dito” no campo religioso cristão é retomado para ser transformado e desautorizado. E esse enunciado verbal (Figura 03) já se tornou constante e recorrente em manifestações feministas, especialmente, nas

¹⁰ https://www.instagram.com/p/9TNxclV63/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=kolr0y8tg3v6%20%3C. Acesso: 08 de dezembro de 2018.

Marchas das Vadias. Há “um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito.” (FOUCAULT, 2004, p.25).

No post que apresentamos a seguir (Figura 04), a mulher à esquerda da fotografia levanta uma faixa com o enunciado “Somos as filhas das bruxas que não puderam queimar”. Uma referência à perseguição política, social e religiosa (Inquisição) que julgaram muitas mulheres como bruxas, a partir de crenças intolerantes, e estas eram queimadas em fogueiras. Atualiza-se, discursivamente, uma memória ou, dito de outro modo, um acontecimento passado é trazido para a textualização presente, com possibilidades de aberturas para dizeres futuros. “Considerar esta relação permanente entre passado e futuro proporcionada pela imprensa ao tratar dos acontecimentos do presente é compreender como o já-dito se atualiza no dizer e como esse mesmo dizer produz antecipações” (DELA-SILVA, 2008, p.17).



Figura 04: Marcha das Vadias, Porto Alegre/RS, em 29/11/2015¹¹

No enunciado “Nem santa, nem puta. Mulher”, materializado no cartaz com fundo rosa (Figura 04), o sentido produzido é da dicotomia existente e imposto pela sociedade machista para as mulheres, as quais possuem a opção de ser uma coisa ou outra: o pecado ou a santidade. Os sentidos que circulam, por meio desse enunciado, é de não aceitação

¹¹ <https://www.instagram.com/p/-sH7FwKrHb/>. Acesso: 08 de dezembro de 2018.

dessa dicotomia; o sujeito discursivo (mulheres) não mais se identifica com nenhuma dessas imposições, mas defende a construção de sentidos de que ser mulher é não ser “nem santa nem puta”. Esse enunciado é também atualizado no post a seguir, juntamente com demais dizeres verbovisuais que reforçam a negação do termo “vadia”:



Figura 05: Instagram, 10/02/2015¹²

Nesse texto (Figura 05), há um descontentamento diante dos sentidos atribuídos às mulheres, uma vez que os seres do universo masculino são tratados positivamente e os seres femininos, de forma negativa:

CÃO - MELHOR AMIGO DO HOMEM
CADELA - VADIA;
PISTOLEIRO - PEGADOR
PISTOLEIRA - VADIA;
O GALINHA - PEGADOR
A GALINHA - VADIA;
TOURO - HOMEM FORTE
VACA - VADIA;
PUTO - NERVOSO;
PUTA - VADIA.

Todos os adjetivos atribuídos ao feminino carregam o sentido depreciativo de “vadia”, tal como dado pelo policial no Canadá. Além disso, a mulher fotografada está com uma corrente no pescoço e com sua boca ferida e as palavras “mulher” e “vadia” estão

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/y8N84LDga4/> < Acesso em: 08 de dezembro de 2018

destacadas por meio da cor vermelha, representando o sangue e o sofrimento, diante das agressões às quais as mulheres sofrem.

Uma faixa de censura à frente dos seios da mulher expressa mais uma violência e complementa os sentidos dos enunciados verbais. O enunciado: “(MESMO) COM OS SEIOS (IN)DEVIDAMENTE COBERTOS, MANTENHO MEU PROTESTO CONTRA A DESIGUALDADE ENTRE O GÊNERO, A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, O CONTROLE DO SEU CORPO, A FAVOR DE UMA VIDA DIGNA. É A ISONOMIA DE DIREITOS”, ao lado da imagem do homem com boca e olhos tampados e do enunciado “imagem modificada sob a ameaça de exclusão do meu perfil”, confirmam os sentidos materializados nesse *post*. O enunciador, para evitar que excluam seu perfil, diz que a imagem foi modificada. A imagem dos seios femininos é apagada/ é subtraída para atender aos padrões impostos de censura, de proibição da nudez do busto feminino e aceitação da nudez do busto masculino.

Considerações finais

Conforme Courtine (2009), foi a partir da década de 1960 que o corpo passou a assumir os primeiros papéis nos movimentos de protesto contra a força de hierarquias culturais, políticas e sociais, herdadas do passado. No interior dos movimentos feministas, o autor destaca que foi no começo dos anos 1970 que as mulheres tomam o corpo como bandeira de luta e uma dessas manifestações foi contra as leis que proibiam o aborto. Nesse protesto, as mulheres gritavam: “Nosso corpo nos pertence!”

No movimento “Marcha das Vadias” que emerge mais de quarenta anos após a manifestação contra leis de proibição do aborto, os corpos femininos vão às ruas contra a opressão e a marginalização e, mais diretamente, a favor de as mulheres escolherem suas vestimentas com liberdade; a bandeira que se levanta de forma organizada a partir de 2011 é a defesa da não existência de justificativas para o estupro. Nessa empreitada, os corpos das mulheres são discursos (linguagens) e, simultaneamente, suportes de materialização textual-discursiva contra a produção de sentidos e de práticas machistas. Com base nos estudos de Milanez e Gonçalves (2018), compreendemos que nosso *corpus* de pesquisa aponta para aquilo que é preciso sair do lugar da interdição. É preciso dar visibilidade e

mesmo exibir o corpo seminudo ou com pouca roupa para que os discursos opressores do poder patriarcal e machista sejam, de fato, abolidos.

É o momento de construção de memórias outras, não mais o patriarcalismo, o machismo ou qualquer opressão às mulheres. “O corpo, portanto, é receptáculo de uma memória e, através dela, guarda, preserva, ensina e dissemina” (SILVA, J. S. & MARTA, F. E. F). Nas manifestações feministas, o corpo-discurso está registrando e disseminando acontecimentos outros, que rejeitam (ou resistem) o passado e constroem um presente-futuro diferente e emancipatório.

A “Marcha das Vadias” toma o corpo feminino como símbolo do movimento e, para isso, expõe o que se quer censurar/proibir como princípios centrais para desqualificar discursos opressores e produzir lutas pela equidade de gêneros.

Para Belting (2006, p.33), “[a]s imagens não se encontram independentemente nas superfícies ou nas cabeças. Elas não existem por si mesmas, mas, sim, acontecem; elas ocorrem, sejam elas imagens em movimento (...), ou não”. As imagens que vão às ruas nos movimentos “Marcha das Vadias” e, posteriormente ou simultaneamente, são postadas na página do *Instagram* com a hashtag #marchadasvadias acontecem porque há um coletivo em torno das pautas femininas que as tornam acontecimentos. Enquanto a necessidade de resistir se fizer presente na sociedade, independente da época ou espaço, as mulheres se tornarão cada vez mais fortes e organizadas.

Referências

BELTING, H. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**. V. 8, São Paulo: julho de 2006. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04_belting.pdf. Acesso: 22 out.2019.

BÍBLIA SAGRADA. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri (SP): Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; SANTOS JUNIOR, Flávio Cardoso dos; FERRAZ, Ana Rita Queiroz. As performances dos corpos dançando na rua: narrativas dramáticas no vídeo vai no cavalinho. *Cenas Educacionais*, v. 2, n. 2, p. 96-111, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/8022>. Acesso: 15 dez.2019.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem & comunicação social**: visões da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, A, COURTINE, J-J, VIGARELLO, G. **História do corpo**: as mutações do olhar. 3 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. Tese (Doutorado). IEL, Unicamp, Campinas, 2008.

FERNANDES, C.A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos/SP: Clara Luz, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MAINGUENEAU. D. Cenas da enunciação. Curitiba: Criar Edições, 2006

MILANEZ, N. & GONÇALVES, L.J. Corpo e práticas libertárias: uma genealogia das mãos em videocliques de divas pops (1983-2017). **Linguasagem**. vol 29, n.1, 2018. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/423/251>. Acesso: 25 out. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso: 22 nov. 2018.

SILVA, Jonatan dos Santos; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. “DO QUINTAL À RUA”: A CAPOEIRA EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA NA MEMÓRIA DO MESTRE DONIZETE (1950/60). Cenas Educacionais, v. 2, n. 2, p. 3-24, dez. 2019.. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/8065>. Acesso: 18 dez. 2019.

STEARNS, Peter Nathaniel. **Histórias das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso: 16 out 2019.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias. Acesso: 10 nov 2019.

Artigo recebido em: 22 de dezembro de 2019

Aprovado em: 14 de setembro de 2020

SOBRE AS AUTORAS

Sidnay Fernandes dos Santos Silva é professora e pesquisadora com doutorado e mestrado em Linguística. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/UNEB) e pesquisadora dos grupos de pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/UNEB) e Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM/UFSCar). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso.

Contato: sidnayfernandes@gmail.com

ORCID: 0000-0001-5932-4948

Lúzia da Silva Ferreira é estudante e pesquisadora na área de gênero e análise do discurso.

Contato: luziravitooriaaleo20416@gmail.com

ORCID: 0000-0002-3700-2697